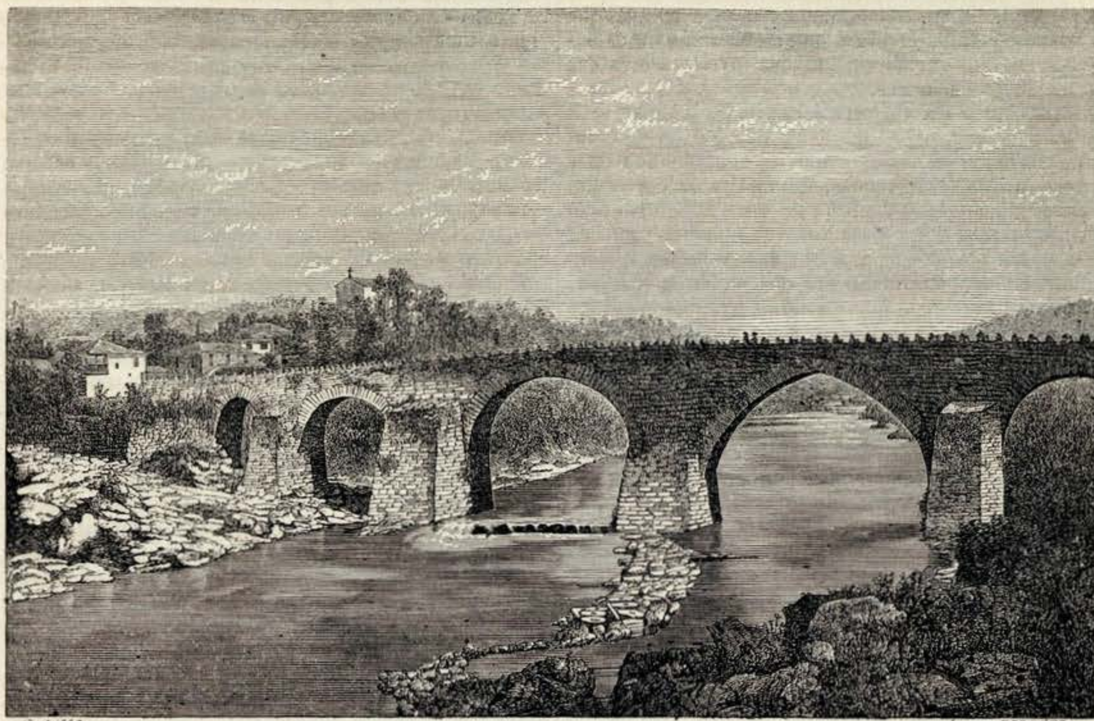


Ponte de Canaveses sobre o Tamega

VILLA DE CANAVESES

Está situada esta villa em terreno um pouco elevado nas margens do rio Tamega, que a divide. Foi outr'ora uma das behetrias que houve no reino [1], e presentemente é cabeça de comarca, e pertence ao districto administrativo do Porto. Dista da cidade d'este nome, para léste, uns trinta e tantos kilometros, e dez da villa de Amarante para o sul.

Deu origem a esta povoação uma albergaria que ahi instituiu a rainha D. Mafalda, mulher del-rei D. Affonso Henriques, dotando-a com rendimento sufficiente para dar agasalho e sustento a nove passageiros ou peregrinos.

Esta princeza, que illustrou a real casa de Saboya com o seu nascimento, e o throno do nosso primeiro rei com a prática de todas as virtudes christãs, vendo quanto aquelles sitios eram visitados, principalmente dos peregrinos que iam em romaria a S. Thiago de Compostella, não se limitou á fundação da dita albergaria, mas proveu tambem de remedio aos perigos e vexames que padeciam os viandantes ao atravessarem o rio, que mal consentia a navegação de uma barca, que ahi havia no verão, por falta de agua, e no inverno por muito caudaloso. Mandou, pois, a rainha D. Mafalda construir sobre o Tamega uma grande e soberba ponte de cantaria.

Instituiu a mesma soberana no seu hospital uma capella com a invocação do Espirito Santo, e ao diante, como se fosse povoando o logar, fundou a pouca distancia uma egreja dedicada a S. Pedro, que foi a matriz da nova povoação.

Passado algum tempo appareceu uma imagem da Virgem em um sitio proximo do rio e da albergaria, o que levou aquella piedosa rainha a edificar ahi um pequeno templo, em que se collocou a santa imagem, o qual recebeu a invocação de *Santa Maria de Sobre-Tamega*.

D'est'arte deveu a villa de Canaveses o seu principio áquella soberana, e não tardou a dever a outra do mesmo nome novas graças e favores. A infanta D. Mafalda, filha del-rei D. Sancho I e da rainha D. Dulce, desposou-se no anno de 1215 com D. Henrique I, rei de Castella. Porém, tratando o papa Innocencio III de fazer separar os dois esposos por julgar nullo o consorcio, em razão de o terem contrahido sem dispensa pontificia, sendo parentes em grau prohibido canonicamente, falleceu el-rei D. Henrique em junho de 1217. A rainha D. Mafalda regressou logo a Portugal; mas, desgostosa pelas contrariedades e infortunios que tão cedo lhe começaram a amargurar a existencia, não quiz ir viver para a corte de seu irmão, D. Affonso II, então reinante, e escolheu para sua residencia o logar de Canaveses, onde cada pedra lhe recordava a piedade religiosa de sua illustre avó. Esta princeza deixou alli muitos testimunhos da sua caridade, e por instancias suas se trasladou a parochia da egreja de S. Pedro para a de Santa Maria de Sobre-Tamega, que estava no meio do povoado.

Renunciando a todas as grandezas, e querendo fugir do mundo em que achára tão crueis illusões, recolheu-se D. Mafalda, passado algum tempo, ao mosteiro de Arouca, onde viveu vida exemplar o resto de seus dias.

[1] Behetria é o vocabulo que uns dizem ser de origem vasconca, e outros franceza, o qual significa povoação livre. Aquelle nome designava a cidade, villa, ou qualquer outra terra que desfructava o privilegio de eleger por seu regedor e senhor a quem melhor a defendesse dos inimigos externos, e das prepotencias dos poderosos por seu estado, ou por seu officio e jurisdicção. Em Portugal não constituiam as behetrias um direito tão lato. Entre nós parece que se restringia o privilegio, além de algumas clausulas menos importantes, a negarem ou concederem as terras permissão aos fidalgos de habitarem n'ellas, e possuirem ahi bens de raiz, como se viu na cidade do Porto até ao reinado del-rei D. Manuel.

Posto que sempre procurâmos evitar o mais que podémos os longos apparatos de razões, que, além de serem ordinariamente fastidiosos, cortam o fio do discurso, e desvâiram as idéas do assumpto principal, julgâmos indispensavel fundamentar uma opinião que deixâmos exarada contra o que escreveram varios auctores nossos, que foram grandes investigadores das antiguidades nacionaes.

Attribuem esses auctores á rainha D. Mafalda, filha de D. Sancho I, a instituição do hospital ou albergaria de Canaveses, bem como a fundação das duas egrejas acima mencionadas, e a fabrica da ponte. Um d'elles, o padre Luiz Cardoso, no seu *Diccionario Geographico*, para comprovar esta sua opinião, copia da *Monarchia Lusitana*, por fr. Francisco Brandão, o seguinte periodo do testamento da rainha D. Mafalda: «E d'estas portagens que eu assim leixo ao meu hospital de Canaveses se repaira sempre bem, e compridamente o faço, que pera ello leixo ordenado, o qual estará sempre livre e bem repairado de telha e madeira, e com boas portas fechadas, porque os peregrinos que hi albergarem não recebam algum desaguisado, e sejam hi camas boas e limpas em que se possam bem albergar nove d'esses peregrinos, aos quaes serão dadas reçoins de entrada e saida, e lume, agua e sal quanto lhe fizer mister; e finando-se algum d'esses peregrinos seja interrado com tres missas de sobre altar, e com pano e cera; e pera que isto nunca pereça tudo se deve bem arrecadar assim as portagens, como as outras rendas; e porque me elRei deu privilegio por que esta cousa melhor firmasse, não será escuso nenhum da dita portagem, por rezão da obra ser pera bem dos mimguados, que tenho que será prol das almas del-Rey e minha, *e dos Reys e Rainhas que de nos vierem*».

O padre Cardoso apresenta este testamento como obra da rainha D. Mafalda, filha del-rei D. Sancho I. Porém, para se conhecer que tal documento não pertence a esta princeza, mas sim á rainha D. Mafalda, sua avó, bastará attender ás ultimas palavras do periodo do testamento que deixâmos transcripto, pois que não é crivel que a filha de D. Sancho I, que fez o seu testamento em 1256, no proprio anno em que falleceu encerrada em clausura, dissesse: *e dos reis e rainhas que de nós vierem*. Esta princeza não só não teve filhos, mas até, apesar de viver mais de anno e meio na corte de Castella, não chegou a juntar-se com seu esposo, que apenas contava quatorze annos ao tempo da sua morte.

Além de tudo isto, quem quizer consultar a *Historia Genealogica da Casa Real* encontrará no primeiro volume das *Provas*, a pag. 31, uma cópia authentica do testamento d'esta rainha D. Mafalda, feito na era de Cesar de 1294, que corresponde ao anno de 1256 da era de Jesus Christo. N'este documento, que é escripto no latim barbaro d'aquelles tempos, só uma vez allude a Canaveses, em que a dita princeza dispõe de certos bens que ahi possuia, dizendo: «*Item mando Monasterio de Tuys quantum hæreditatem habeo in Fornos, et in Villa nova, et in Canaveses, et Casale de agro pleno*, etc. [1] Não se acha em todo este testamento uma unica palavra que diga respeito ao hospital, ou ás portagens, ou ás egrejas de S. Pedro de Canaveses e de Santa Maria de Sobre-Tamega.

A villa de Canaveses é mui pequena, não obstante achar-se repartida pelas duas margens do Tamega. Entretanto, foi modernamente elevada á categoria de cabeça de comarca com o nome de *Marco de Canaveses*, a primeira parte do qual pertence a um logar que é arrabalde da villa. Ao presente tem esta duas parochias, intituladas Santa Maria de Sobre-Tamega,

[1] O mosteiro de que trata este documento é o do *Salvador de Tuyas*, ha muitos annos extincto, e convertido em parochia com a mesma denominação.

e S. Nicolau. Aquella, edificada em terreno alto sobranceiro ao rio, é de modesta architectura. As reconstrucções por que tem passado não lhe deixaram vestigios da fabrica primitiva. A antiga parochia de S. Pedro de Canaveses, fóra da villa, está hoje reduzida a uma simples ermida, pobre de arte, e só rica de memorias da primeira rainha de Portugal. Além d'esta ermida ha varias outras capellas na villa e nos suburbios.

Com o andar dos tempos chegaram a tal reducção os rendimentos do hospital ou albergaria da rainha D. Mafalda de Saboya, que no principio do seculo passado mal chegavam a 50$000 réis. Nada sabemos do seu estado actual; nem se ainda se conservam, como no meado do mesmo seculo, com o nome de *sala real*, os restos do paço de D. Mafalda, que foi rainha de Castella.

A ponte que corta o Tamega, e une as duas partes da villa, é por sua antiguidade e nobre origem um dos mais venerandos monumentos que o nosso paiz possue n'este genero. Tão solidamente foi construida, que, apesar de ter morrido a sua fundadora ha 707 annos [1], tem-se conservado até agora com ligeiras reparações, e promette longa duração. Compõe-se de sete arcos, o do centro mais largo, e um pouco mais elevado, com a fórma levemente ogival; os outros, de volta redonda, e diminuindo de altura com tal moderação, que pouco deixam perceber o declive que apresenta a ponte do meio para as duas extremidades. As guardas da ponte são guarnecidas de ameias.

Como se vê em todos os rios da bella provincia do Minho, as margens do Tamega são mui risonhas e de variado aspecto. Junto da villa ora se erguem pedregosas, mas sempre toucadas de verdura; ora se estendem toldadas de arvoredo que se espelha nas aguas. Cria o Tamega diversas especies de peixes. No verão leva quanta agua basta para lhe dar belleza, cobrindo todo o seu alveo, e formando cascatas nos açudes, que então lhe impedem a livre corrente. Porém no inverno é caudaloso, e tão sujeito a cheias, que muitas vezes acha estreita a passagem por todos os arcos da ponte.

Os mais arrabaldes da villa são lindos pelas graças com que a natureza os dotou, pois que nada, ou pouco, devem á arte. Entretanto, como succede em todo o Minho, são os terrenos bem cultivados, ou diremos melhor, muito cultivados. Consiste a sua principal producção em cereaes, legumes, azeite, vinho e frutas. Entre as ultimas sobresaem por seu delicado sabor, e tem fama em toda a provincia, os pecegos e melões.

Canaveses tem um mercado semanal, todas as segundas feiras; e dois mensaes, um no dia 3, e outro no dia 15 de cada mez.

A nossa gravura foi copiada de uma grande e excellente photographia.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] A rainha D. Mafalda de Saboya falleceu em Coimbra no dia 4 de novembro de 1157.

REGINA

(EPISODIO DAS CONFIDENCIAS)

TRADUZIDO DO FRANCEZ DE A. DE LAMARTINE

(Vid. pag. 250)

I

Vivi essa vida, que me refrigerava o soffrimento, do mesmo modo que o ar frio refresca a mão queimada e em chaga viva, até ao principio do outono. A monotonia voluptuosa e meditativa da minha existencia era apenas interrompida pelo meu cartear pouco assiduo, mas affectuoso, com Salucio. Salucio era o nome de um amigo em quem ainda não fallei. Passo

a dizer o modo como tinhamos travado conhecimento e intimidade.

Havia no regimento em que meu pae quizera que eu servisse alguns annos, e que fazia parte do que se chamava então a casa militar del-rei, um moço bretão, cuja presença gentil, viçosa juventude, e robusta e ingenua cordialidade, cordialidade caracteristica d'essa nobre raça armoricana, haviam exercido sobre o meu espirito uma certa attracção. Tambem elle se sentira instinctivamente impellido para mim. Estavamos ambos n'essa epocha da vida em que a amizade brota depressa, em que as sympathias não são fiscalisadas pela reflexão. Duas pessoas agradam-se uma da outra, fallam, confiam reciprocamente os seus pensamentos; se ha entre estes a precisa conformidade, elevam ambas entre si e a multidão uma como que barreira claustral; se se ausentam, levam saudades; se de novo se encontram, sentem ineffavel ventura: procuram-se, enlaçam-se, acompanham-se. Fôra d'esta fórma que eu me ligára fraternalmente com esse meu juvenil camarada. Tinhamos as mesmas predilecções militares e litterarias, o mesmo sentimento da poesia, a mesma irresistivel aspiração para as brevissimas horas de soledade que podiamos furtar, em Paris, á vida de quartel, na provincia, á vida de guarnição; os mesmos habitos de familia, as mesmas opiniões innatas. Fallava-me no seu mar, fallava-lhe eu nas minhas montanhas. Quando acabava o exercicio, iamos ambos dar longos e contemplativos passeios pelos valles verdejantes, ensombrados e monotonos da trivial Picardía. Alguns mezes de convivencia fizeram de nós dois irmãos; Salucio sabía todos os meus segredos, eu todos os d'elle; a sua familia não sería para mim uma familia estranha, se o acaso me levasse um dia á porta do seu solar; elle sería capaz de conhecer meu pae, minha mãe e minhas irmãs pelos retratos que eu lhe tinha feito das pessoas de minha casa.

O pae de Salucio emigrára para Inglaterra com sua mulher, seu filho e sua filha, ainda meninos de berço, depois dos primeiros desastres da Vendéa. Os seus bens haviam sido confiscados. Um tio-avô, ecclesiastico, edoso, e possuidor de um emprego importante na chancellaria do Vaticano, chamára para Italia o pae de Salucio e a sua familia. Tinham-se estabelecido em Roma. O tio-avô morrêra, deixando o palacio, uma quinta ao pé de Albano, e uma consideravel riqueza monetaria a seu sobrinho. Esse sobrinho, pae do meu amigo, como que perdêra de todo a sua nacionalidade, insensivelmente se naturalisou romano. Quando os Bourbons voltaram para França, pozera-se a caminho para reivindicar a sua patria, o seu titulo e a recompensa do seu exilio. Deixára em Roma sua mulher e sua filha; trouxera seu filho a Paris, e mettêra-o no mesmo regimento em que meu pae me collocára a mim. Depois fôra á Bretanha, recuperára bosques não vendidos, e comprára por baixo preço, a um proprietario que se considerava como mero depositario, o velho solar de seus paes. O tumulo esperava por elle no sitio onde tivera o berço. N'uma caçada que fizera com amigos velhos, no bosque tão felizmente recuperado, caíu-lhe o cavallo, atirando com elle de encontro aos carvalhos da sua avenida. Salucio fôra prestar a seu pae as honras funebres, e tomar posse da metade da sua herança; depois voltára a Beauvais para se despedir de mim, e partira a fim de ir ter com sua mãe e sua irmã, que estavam em Roma. A sua partida entristecêra-me profundamente, e foi esse um dos motivos que me obrigaram pouco depois a deixar o serviço militar, fastidioso em tempo de paz. Porém, como a affeição, que me consagrára o meu amigo, fôra o primeiro affecto que sentira por um rapaz seu compatriota, essa amizade enraizára-se profundamente no seu coração. A minha memoria fazia parte da sua vida. Alimentavamos uma correspondencia inexhaurivel; vinhamos, por fim de contas, a viver em duas partes a um tempo; elle onde eu estava, eu em Roma com elle. Essa correspondencia formaria um volume, e, sendo publicada, revelaria n'esse moço, mixto de bretão e romano, uma d'essas organisações cujo estudo é tão curioso, heroica e selvagem pelo coração, contemplativa e artistica pela phantasia; as suas duas patrias, incarnadas e consubstanciadas n'um só homem. Era esse contraste o que tanto a elle me prendia, porque sentia dentro de mim mesmo um frouxo reflexo d'essa particularidade. As organisações grandiosas, como a de Salucio, são duplas. Dêem duas patrias a uma criança, e verão que lhe deram, por esse facto, duas organisações distinctas. Póde-se avaliar a veracidade da minha theoria pelos fragmentos das cartas de Salucio, que escaparam aos acasos do tempo, e que fui encontrar classificadas no velho armario da bibliotheca de meu tio, para onde eu as atirava depois de as ter lido e relido.

II

Tudo isto eu devia dizer para que se comprehendesse uma das digressões mais inesperadas, e um dos mais mysteriosos eclipses da minha juventude. Loucura ou dedicação, que importa? o que se fez está feito, o que se disse está dito. As confidencias são as confissões da amizade; á amizade tambem cumpre absolvel-as.

III

Por uma tarde dos ultimos dias de julho, voltando eu de um passeio a cavallo, e assomando á entrada da vasta e deserta alfombra que se estende, limitada de um e de outro lado por dois grupos de tilias, diante da porta do campestre palacete de meu tio, fiquei espantadissimo de encontrar um postilhão do proximo correio de Pont-de-Pany, que me entregou uma carta urgentissima vinda da estalagem da aldeia, onde fôra escripta, e tendo resposta.

Sem me apear, abri a carta e li. A carta estava escripta em italiano, lingua com que me familiarisára tanto a minha prolongada residencia na Italia, que a fallava e entendia como se fosse a minha lingua materna. Aqui vae a traducção da carta:

«Duas senhoras, que vem de Roma, informadas pelo conde Salucio de*** que o amigo d'este fidalgo está residindo na quinta de Urcy, pedem-lhe o obsequio de se dirigir á aldeia de Pont-de-Pany, em cuja estalagem o esperam. N'elle depositam a sua ultima esperança. Talvez o seu nome lhe não seja desconhecido, mas estão convencidas de que ainda apresentando-se unicamente na qualidade de estrangeiras e fugitivas, poderiam contar com a bondade do amigo do conde Salucio. — *Condessa Livia D*** — E sua neta, princeza Regina C****

IV

Conheci logo os dois nomes que figuravam constantemente nas cartas de Salucio. Mas o que eu não podia explicar satisfactoriamente era a sua chegada a França, a sua residencia n'uma estalagem campesina á beira de uma estrada indirecta de Borgonha, e, em fim, o titulo de fugitivas com que acompanhavam a sua assignatura. Meu tio, cuja attenção fôra despertada pela bulha dos guisos do cavallo do postilhão, descêra ao vestibulo, e sorria-se com um certo ar de maliciosa bondade, ao ver a minha physionomia espantada, e a attenção com que lia e relia a carta.

— Nada de mysterios commigo, disse-me elle deitando-me um olhar zombeteiro; os heroes de romance precisam sempre de um confidente. No meu tempo desempenhei ambos os papeis. Não é provavel que

essas duas errantes beldades, em quem o postilhão fallou em quanto bebia o seu copo de vinho, me venham offerecer o primeiro papel; mas pódes-me tu dar o segundo; serei discreto; a discrição é a virtude da indulgencia.

— Juro-lhe, respondi, que esta missiva não encerra mysterio algum que me diga respeito. O meu bom tio censura muitas vezes a minha melancolia, e sabe o que a motiva. Nenhum terrestre encanto me póde prender de novo o coração.

Meu tio apontou com o dedo para a enorme e frondosa tilia, a cuja sombra eu fizera parar o meu cavallo.

— Vês essa tilia? — disse-me elle. É mais velha do que tu, não é verdade?

— É.

— Durante o espaço de vinte annos, por cinco vezes a tenho decepado, e tem agora seiva mais abundante e mais vasta ramaria do que quando cheguei aqui.

— Bem sei! — respondi eu tristemente. Mas é uma arvore, e eu sou um homem. Veja se lhe rasga o cortix, e se lhe queima a medulla; dir-me-ha depois se ella torna a florir.

Entrámos em casa deixando borboletear a palestra, elle com alegria, eu com gravidade. Mandei embora o postilhão, munido de um bilhete, em que dizia que o nome do meu amigo Salucio era para mim um talisman, e que ia partir immediatamente para Pont-de-Pany. Não me demorei senão o instante necessario para tornar a montar a cavallo, e metti a galope por um atalho que poupava metade do caminho, a fim de chegar antes da noite á aldeia onde as duas senhoras me esperavam.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE AGRICULTURA

PROMOVIDA PELA REAL ASSOCIAÇÃO CENTRAL DA AGRICULTURA PORTUGUEZA

(Conclusão. Vid. pag. 242)

Escolheu a Real Associação Central da Agricultura Portugueza local mui appropriado para a exposição na vasta e desafogada planicie denominada Terras do Desembargador, que demora perto da magnifica praça de D. Fernando, outr'ora chamada largo de Belem.

No meio d'aquelle espaçoso terreiro occupava a exposição um quadrilatero de 150 metros de comprimento e 60 de largura. Estavam os lados mais compridos occupados com barracas, trinta de cada lado, para abrigo dos animaes. A frente estava separada do restante campo por gradaria, com duas amplas portas. Fechava o recinto pelo lado opposto á frente uma fila de barracas para plantas. Para a commissão encarregada de dirigir os trabalhos, e para o jury que deveria estudar os productos e propor os premios, erguiam-se á frente e aos lados do campo duas barracas de campanha de general, mui decentemente mobiladas. Mais para dentro, e aos lados, estavam dois elegantes coretos para musica.

No centro da área, e entre os coretos, campeava amplo pavilhão de 20 metros de comprimento e 10 de largura para os productos agricolas. Na frente do pavilhão, e contigua a elle, estava a tribuna para as magestades, guarnecida de ricas e vistosas cadeiras, e alcatifada com magnificos tapetes.

Em differentes partes do campo jaziam machinas e instrumentos agricolas, ou para só se verem quedos, ou para se estudarem trabalhando.

Bandeiras, flammulas, galhardetes, fluctuando caprichosamente nos topes de numerosos e altos mastros, adornavam o recinto e deleitavam a vista. A multidão dos espectadores, a variedade dos trajos, a multiplicidade e esplendor dos trens, a harmonia da musica, e a franca alegria que em todos os semblantes se divisava, tornavam summamente aprazivel aquella festa.

Pelas quatro horas da tarde chegaram el-rei o sr. D. Luiz, a rainha, el-rei o sr. D. Fernando, e o sr. infante D. Augusto.

Saíram-lhes ao encontro a mesa da Associação Central; a commissão directora da exposição; o corpo cathedratico do instituto agricola, acompanhado pelo seu director, o sr. conde de Ficalho; ministerio; auctoridades civis e militares; expositores; representantes de associações e da imprensa; e numerosissimos espectadores.

Ao som do hymno nacional, desempenhado pelas bandas marciaes que estacionavam nos coretos, e pela da guarda de honra, dirigiram-se as pessoas reaes para a tribuna.

Chegadas alli, dignou-se el-rei ouvir a allocução que lhe dirigiu o presidente da commissão directora, e responder com phrases sobremaneira lisongeiras e animadoras.

Passou depois el-rei e todas as pessoas reaes que o acompanhavam a examinar os objectos expostos, e a presenciar o exercicio de algumas machinas.

Durou esta visita bastante, porque suas magestades se detinham em minucioso exame dos productos agricolas, dos animaes e machinas, e praticavam com diversos á proporção que iam vendo objectos que mais particularmente lhes chamavam a attenção.

Subiu depois el-rei e as outras pessoas reaes á tribuna para assistirem á passagem dos cavallos e muares que estavam expostos. Durante esta mostra conversaram suas magestades el-rei o sr. D. Luiz e el-rei o sr. D. Fernando, com exemplar lhaneza, ácerca dos animaes que iam vendo, com os expositores, e principalmente com o habilissimo professor do instituto, e notavel especialista em zootechnia, Silvestre Bernardo Lima, homem dotado de rara modestia e clarissima intelligencia, ao qual a agricultura portugueza deve numerosos e impagaveis serviços.

Quasi noite, saíram suas magestades do campo, deixando inaugurada a exposição.

Subsequentemente fizeram-se na quinta do monumental convento dos Jeronymos, onde actualmente está a casa-pia, em Belem, experiencias com diversos instrumentos e machinas de cultura, entre os quaes se tornou mais digno de attenção um apparelho de lavoira a vapor, de Howard.

Annunciando em outro jornal a exposição que estamos historiando, disseramos que, provavelmente, influiriam bastante para que não fosse tão rica em productos, como era conveniente que fosse, as condições especiaes da estação calmosa, que muito haviam prejudicado todos os fructos, não só oppondo-se á sua evolução, senão tornando pécos e enfezados os poucos que resistiram.

Esquecêra-nos ponderar outra particularidade, de ordem diversa, mas que anteviramos influiria tambem para que a exposição fosse menos completa. Referimo-nos ás eleições, que por muito tempo trouxeram agitados todos os animos, voltando-lhes a attenção mais para as urnas, que para os campos e lavoiras.

Realisaram-se os nossos receios, por quanto muito longe esteve a exposição agricola de ser o que deveria e poderia ser. Não foi, porém, desanimador o resultado, nem o seria ainda mesmo que houvessem concorrido muito menos expositores, e que muito mais inferior tivesse sido o numero e qualidade dos objectos expostos.

Cabe muito louvor á Real Associação Central da Agricultura Portugueza por este incitamento dado á agricultura, assim como o mereceu o sr. Ayres de Sá

Nogueira, quando, em 1852, realisou em Lisboa a exposição agricola que sua magestade a rainha D. Maria II solemnemente inaugurou, e cujos relatorios, ainda ha pouco publicados, contém especies muito aproveitaveis.

O que mais interessava na exposição eram os instrumentos e machinas; após estas os gados, especialmente o cavallar.

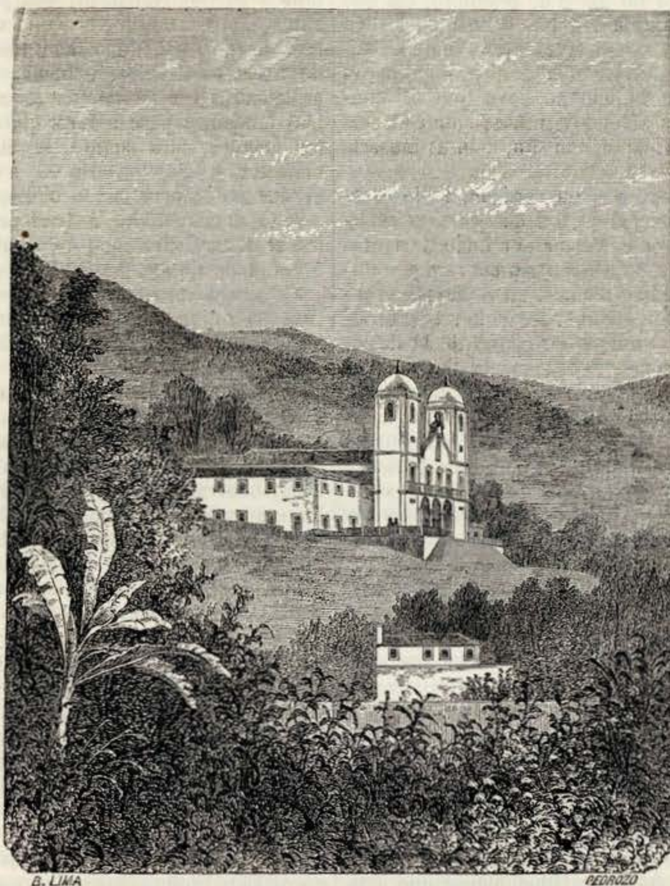
Lastimâmos que muitos agricultores deixassem de acudir ao chamamento da associação.

Os indifferentes e remissos reprehendeu e exhortou com comedida severidade o sr. Corvo no primeiro artigo que, ácerca d'esta solemnidade agricola, escreveu no *Jornal do Commercio*.

Alli diz francamente o illustrado professor do instituto agricola e da eschola polytechnica «que a exposição, salvas poucas e honrosas excepções, não teve senão productos que apenas representavam, de um modo incompleto, a industria agricola de parte da região central do reino; que, em vez de uma exposição nacional, a Associação Central da Agricultura Portugueza mal conseguiu fazer uma exposição regional».

De todo o reino só sete districtos concorreram: Lisboa, Santarem, Evora, Béja, Portalegre, Braga e Bragança.

Houve expositores de trigo, 52; milho, 19; cevada, 24; centeio, 10; vinho, 46; feijões, 24; azeite, 33; vinagre, 12; grãos de bico, 18; mel, 18; lãs, 12;



Egreja de Nossa Senhora do Monte na cidade do Funchal

linho, 11; azeitonas, 1; machinas, 5; gado, 40 a 50; frutas, 15; flores, 6 (quasi 500 exemplares, e mais de 100 de estufa).

Nos generos sobresaíram os trigos; os vinhos, dos quaes appareceram mais de 100 variedades; e o azeite, de que vieram á exposição magnificas amostras.

Em quanto a machinas, houve mais introductores que fabricantes. Entre os primeiros merecem especial menção os srs. Borges de Sousa & Socios, de quem era a machina de lavrar e a de debulhar, ambas de vapor.

Appareceram bons exemplares de Alderneis, e de gado da terra; bons porcos; excellentes cavallos do instituto, da casa real e do sr. Raphael José da Cunha.

A despeza da exposição foi, proximamente, dez contos de réis.

Renderam as entradas pouco mais de um conto de réis. Do governo recebeu a associação, como auxilio, dois contos de réis.

Calcula-se que foi visitada esta exposição por seis mil pessoas, e que perto de duas mil assistiram ás experiencias feitas na quinta da casa-pia, em Belem.

Foi diminutissimo o numero dos visitadores! Concorreram muito para isso as copiosas chuvas de quasi todos os dias da exposição.

Brevemente se publicará o relatorio, e se fará a solemne distribuição dos premios.

De uma e outra coisa daremos noticia aos leitores d'este semanario.

J. J. DE SOUSA TELLES.

FUNCHAL

NOSSA SENHORA DO MONTE

Entre os sitios da ilha da Madeira mais amenos e aprazíveis, de mais formosas vistas, tem um logar distincto o de *Nossa Senhora do Monte*. É arrabalde da cidade do Funchal, e tira o seu nome de um templo d'essa invocação, que é freguezia rural.

Figurae a encosta de alto monte assombrado por frondosos castanheiros; quebrae-lhe a monotonia da verdura e da folhagem com outras especies de arvores, algumas d'ellas exoticas; povoae esses bosques de pequenas casas a alvejar através da ramagem; e em uma clareira, dominando toda esta risonha paizagem, collocae a egreja da Senhora do Monte, que mostra de longe aos navegantes as brancas cupulas de suas elevadas torres. E para complemento do quadro, estendei diante do templo, em dilatadissimo horisonte, collinas, montes e valles, cobertos de um manto de perenne verdura; depois rochas escarpadas e penedia inhospita, defendendo a ilha contra a furia das vagas; mais além o vulto infindo e magestoso do Oceano.

Quem visitar o sitio no dia 8 de setembro, em que se celebra a natividade da Virgem, e no qual festeja aquelle templo o seu orago, verá accrescentadas todas essas bellezas naturaes com a alegre animação dos romeiros; com o bulicio do povo que alli concorre da cidade e das aldeias visinhas; com os trajos garridos dos camponezes; e, em fim, com as musicas e cantigas populares.

Dizem que é, e deve ser, na verdade, bello espectaculo ver do adro da egreja, ou das janellas contiguas ao templo, correr e voltear por meio de tantos verdores aquellas aldeãs de vestuario engraçado e pittoresco, com suas sáias vermelhas, ou riscadas, e roupinhas de uma d'estas côres bordadas de retroz ou de missangas; com suas murças de panno de lã de alguma d'essas vivas côres, debruadas de fita de seda ou de veludo; as camisas com guarnições de rendas, e abotoadas com seus botões luzentes; na cabeça um barretinho ponteagudo, de panno azul ou encarnado, posto graciosamente a um lado, occultando parte da testa; e calçando botas amarellas. Usam os camponezes do mesmo barretinho, com a differença de ser um pouco maior, e de o trazerem no alto da cabeça, de modo que fica descoberta a maior parte d'ella.

Celebra-se a solemnidade dá Senhora do Monte com funcção de egreja e festa de arraial, em que sempre ha vistoso fogo de artificio.

O adro da egreja, para o qual se sóbe por uma grande escadaria de pedra, é muito espaçoso, e acha-se em uma elevação de 649 metros acima do nivel do mar. A fachada do templo não ostenta profusão de decorações, antes é singela, mas tem aspecto grandioso e nobre, como se mostra na estampa. Interiormente é o templo bem ornamentado, sobre tudo a capella-mór, que é rica em obra de talha doirada.

A nossa gravura é copiada de uma photographia, que abona a pericia do artista funchalense que a tirou, e cujo nome ignorâmos. Os nossos leitores não deixarão de reconhecer, à vista d'esta gravura, os progressos que se vão fazendo entre nós n'este difficil ramo da arte em que ainda ha poucos annos nos achavamos tão atrazados.

I. DE VILHENA BARBOSA.

LEITURA PARA AS ESCHOLAS

XVIII

A IRA

Ira é palavra latina, que vem de *uro*, queimar, arder. Os catequistas collocam a ira entre os peccados. Salvo o devido respeito, póde-se não aceeitar esta opinião. O peccado é acto; a ira não é acto, mas disposição para certos actos. A acção que provém da colera constitue, sem duvida, peccado mais ou menos grave. Reconheçamos, pois, a colera como vicio ou defeito, mas não confundamos a consequencia com o principio, nem o fructo com a arvore.

A ira é horrivel, espantosa e deploravel. Não ha outro, exceptuando a embriaguez, que mais aproxime o homem do irracional. Em quanto dura o accesso está suspenso o uso da razão. O homem não falla nem pensa n'esse momento; ruge, delira, não conhece pessoa alguma; mais de uma vez, vendo-se afastado da familia que ameaçou, o accesso prejudica-o a elle unicamente.

A alteração do physico pinta sobejamente no homem a desordem do moral. No rosto desfigurado por movimentos convulsivos; na tez, ora pallida, ora vermelha; nos olhos scintillantes, e que parece saírem da orbita; no peito arquejante; e d'onde, através da garganta ao mesmo tempo entumecida e contrahida, através da boca espumante e sêcca, se arremeçam ora gritos inarticulados, ora terriveis blasphemias; nos braços que se estendem; nos punhos que se fecham ameaçadores; nos joelhos que vergam cambeteantes, reconhece-se o homem dominado pelo mais horrendo de todos os delirios, o homem prestes a fazer todas as loucuras e a commetter todos os crimes.

A tendencia para o furor que póde resultar de muitas paixões, taes como o orgulho, a avareza, a embriaguez, o amor proprio ou o egoismo, que é que o produz no homem isento d'ellas?

Está demonstrado. A tendencia para o homem se irritar e arrebatar, que caracterisa certos individuos, é resultado de sua organisação physica.

Os gregos attribuiam-n'a ao predominio e á natureza da bilis; os romanos tinham a mesma opinião, e consideravam o orgão onde ha a secreção da bilis como origem da ira.

No coração, no estomago e na cabeça parece tambem existir a ira. Logo, terá no corpo tantas origens quantos centros de irritabilidade encontrar. Que a ira esteja no figado, no coração, no estomago ou na cabeça, nem por isso deixa de ser terrivel enfermidade. Haverá meio de prevenil-a ou de cural-a?

Havia um medico que receitava certos medicamentos para combater a ira. Seriam bons os especificos contra as consequencias de um accesso de ira, mas não preveniria esses accessos.

A agua e a sangria, dizem, são excellentes preservativos. Sim, para enfraquecer o corpo. Não seria mais glorioso submetter a ira ao imperio da alma, fortalecendo esta?

O director de Ricardo Coração de Leão, principe colerico, prescrevêra-lhe, se acreditarmos Walter Scott, que não fallasse quando se sentisse zangado, senão depois de recitar mentalmente algumas palavras que lhe ensinára.

É no raciocinio, e não em práticas pueris, que se encontram preservativos contra a ira. Representem ao homem inclinado a esta paixão os riscos que corre se não a reprimir; recordem-lhe que a ira torna ridiculo o homem quando o não torna barbaro; e á falta de virtude, havendo só amor proprio, este homem conseguirá talvez dominar-se.

Montaigne e Jourdain não julgam que seja necessario em caso simiIhante contrariar a natureza.

«Sou de parecer, diz um, que se dê antes uma bofetada na face do criado, embora fóra de occasião, do que constranger a vontade para representar extrema prudencia; e estimaria antes satisfazer as minhas paixões, do que occultal-as á minha custa. Porque é muito mais razoavel que a espada se empregue nos outros, do que se volte contra nós».

«Sou bilioso como todos os demonios, diz o outro; não ha moral que valha quando me appetece descarregar a ira».

Ainda que desagradem summamente estes dois philosophos, não devemos ser arrebatados para com os outros, porque vale mais refrear taes impetos, que entregar-se a elles.

Devemos, por isso, preferir a moral de Socrates.

«Bater-te-hia se não estivesse encolerisado», dizia a um escravo que faltára ao seu dever.

Devemos tambem preferir a moral de Luiz XIV, que, offendido pelo procedimento de Lauzun, arremeçou a bengala pela janella, exclamando:

«Não se dirá nunca que bati n'um gentil-homem».

Nem um nem outro morreram pelo esforço que fizeram para triumphar de si proprios. Deveis fugir quando não poderdes dominar-vos; ha quasi heroismo, n'este caso, em fugir.

Para curar as mulheres da ira talvez não fossem necessarios tantos raciocinios, pois bastaria apresentar-lhes um espelho na occasião em que as suas feições estão alteradas por esta terrivel paixão, ou fazer-lhes ver em um individuo encolerisado a imagem dos seus proprios excessos. O espelho é receita inventada não por mad. de Genlis, mas por Shakspeare, a quem esta senhora copiou. Vêde no theatro d'este grande poeta inglez a comedia intitulada — *A mulher maliciosa.*

Dá-se frequentemente o nome de ira aos arrebatamentos que se reproduzirão menos vezes, se os individuos que os tolerarem forem menos condescendentes. É um ridiculo que se não corrige senão com o ridiculo.

Ninguem se arrebatava mais facilmente que o cardeal Dubois, e nos excessos de colera não havia imprecação de que não fizesse uso. Vernier, seu secretario particular, era o unico que ouvia o desencadeamento d'estas tempestades sem commoção. Este secretario atrevia-se até, em certas occasiões, a interromper com observações as invectivas de Dubois.

Um dia que este celebre ministro não encontrava um papel de que carecia, chamou o secretario, e, entre as maiores imprecações, disse:

— Já não terei aqui quem me sirva, Vernier? Tome vinte, trinta ou cem pessoas que o substituam.

— Bastará só mais uma, respondeu tranquillamente Vernier, e dê-lhe por emprego a commissão unica de encolerisar-se por vossa eminencia; respondo que terá tempo de sobejo, e será bem servido.

O ministro riu-se e socegou.

Ira tem por synonymos *colera, sanha, raiva, excandecencia;* cada uma d'estas palavras se empregará na accepção propria. A ira é como a loucura, differençando-se apenas em durar aquella menos tempo que esta; e a tolice está proxima de ambas.

Achilles era muito colerico. O marquez de Ximenes, depois de ler a Piron uma tragedia cujo heroe era Achilles, disse-lhe:

— Os caractéres estão bem conservados? Como acha Achilles? Não está bem representada a sua ira?

— Está; parece irado como um tolo! — respondeu Piron.

E respondia bem.

PALACIO REAL DE CINTRA

III

(Vid. pag. 206) 225

Nenhum dos paços reaes de Portugal hoje existentes tem uma historia tão importante e variada como o palacio de Cintra. Desde el-rei D. João I, que o reconstruiu, e que o adereçou e animou com todas as pompas da realeza, até el-rei D. Pedro II, que o converteu em prisão de estado, póde-se dizer que não ha alli sala nem aposento que não recorde alguma scena alegre ou triste da vida dos monarchas que reinaram em o nosso paiz durante esse periodo, ou algum episodio, mais ou menos interessante, dos annaes de Portugal.

Alli, sob aquellas abobadas, refrescadas pelas brisas da serra, mesmo através da intensidade dos calores do estio, e sempre embalsamadas pelas flores dos jardins que as cercam, ia de vez em quando o vencedor de Aljubarrota repoisar das lidas da guerra a prol da independencia da patria. Alli, no seio de uma familia adorada, que vivia vida patriarchal, e cujos filhos só anhelavam por chegarem um dia a imitar os exemplos de seu heroico progenitor; no meio d'aquelle paraiso, onde tudo convida o homem ao remanso d'alma, aos gozos suaves e tranquillos, meditava o nosso rei cavalleiroso essas emprezas de Africa com que engrandeceu o reino e dilatou a gloria do nome portuguez.

N'essas mesmas salas, onde tinham echoado em sons festivos as victorias do conquistador de Ceuta, e as alegrias do seu reinado, abrilhantadas pela elegancia dos trajos, polidez dos costumes e graça dos ademanes, introduzidos na corte pelo trato com os francezes; n'essas salas, ainda ha pouco tão animadas e ruidosas, passeiava algumas vezes o infeliz rei D. Duarte, só, entregue a seus tristes pensamentos, todo absorvido nos cuidados e immerecidos infortunios do seu governo. Quando, ao cabo de tantas diligencias, este virtuoso soberano perdeu a derradeira esperança de resgatar do captiveiro dos moiros o infante D. Fernando, seu irmão, foi encerrar-se por tres dias no paço de Cintra para dar livre desafogo á dor que o acompanhou á sepultura.

Lá está ainda a camara onde nasceu D. Affonso V, que aos cinco annos foi rei; que, por suas gloriosas emprezas de Africa, grangeou o epitheto de *Africano;* que, para cingir a fronte com a coroa de Castella, desposára, e se fizera campeão de uma rainha a quem seus vassallos recusavam preito e obediencia [1]; e, finalmente, que, depois de ir mendigar a França soccorros, que em vão solicitou, voltando ao reino cheio de mágoa e confusão, lá foi esconder entre as paredes do paço de Cintra a sua dor e a sua vergonha, até que um fim prematuro lhe cerrou os olhos para sempre, na mesma camara em que os abrira pela primeira vez á luz do mundo.

Seu filho, el-rei D. João II, apesar dos graves negocios que o preoccuparam; apesar d'essa porfiosa lucta em que andou empenhado com a nobreza, e que custou a morte a dois principes [2], ia a miudo distrahir-se e folgar nos seus paços de Cintra. N'elles dava á corte aos domingos e dias santos, quando ahi assistia, magnificos saraus, com musica e danças, em que el-rei tomava parte, pois que, segundo diz Rezende, seu chronista e privado, *era grande dançador em todas as danças.* E quando a sorte lhe descarregou aquelle tremendo golpe, que o feriu tão profundamente em Santarem, lançando de improviso na sepultura o unico filho que Deus lhe concedêra, durando ainda as festas do casamento do mallogrado principe com a infanta de Castella D. Isabel, o desventurado pae, e sua inconsolavel esposa, foram, cobertos de dó, encerrar-se para orarem, e prantearem-se na solidão, primeiramente no convento do Varatojo, proximo de Torres Vedras, e depois no paço de Cintra.

O seguinte reinado deu para os annaes d'este palacio, como tambem para os do reino, a sua pagina mais brilhante. O edificio tomou aspecto mais nobre e loução, ataviando-se por fóra com os brincados ornatos d'essa architectura fantasiosa, a que chamâmos *gothico-florido;* e adornando-se por dentro com pinturas, doiraduras, ricas tapeçarias, e outras custosas alfaias. No verão vinham dar vida e brilho a todas essas galas os sumptuosos serões del-rei D. Manuel. Das janellas do paço saiam então ondas de luz, que afugentavam a escuridão da noite por entre as har-

[1] A rainha D. Joanna, sua sobrinha, filha herdeira de D. Henrique IV, rei de Castella, e da rainha D. Joanna, irmã do nosso rei D. Affonso V.

[2] D. Fernando I, 2.º duque de Bragança, e D. Diogo, duque de Vizeu, irmão del-rei D. Manuel.

monias dos instrumentos, a cujo som volteavam em alegres danças as damas e cavalleiros da corte elegante e polida do rei *Afortunado*. Outras vezes eram os autos de Gil Vicente, respirando liberdade e singeleza, mas satyricos e engraçados, o que fazia as delicias d'aquella sociedade. E de dia, n'essas mesmas janellas, recortadas e bordadas de delicados lavores, encostava-se, silenciosa e triste, a gentil infanta D. Beatriz, procurando com os olhos, por entre a ramagem das arvores da encosta fronteira da serra, as queridas feições do pobre Bernardim Ribeiro, *que tão alto subíra em seus amores*, amando a filha de tão poderoso monarcha, e que a tamanha altura se elevou cantando as suas *saudades* em suaves e sentidas endechas, tão repassadas de amor e melancolia.

O filho de D. Manuel frequentou Cintra egualmente, sendo rei; mas em seu tempo eclipsou-se aquella estrella luzente, que doirára os horisontes de Portugal, e que fizera trajar galas e resoar com sons festivaes as salas d'aquelle palacio.

As contrariedades que affligiram D. João III pouco antes e logo depois de subir ao throno; as severidades do terrivel tribunal da inquisição, introduzido por elle em seu reino; e, em fim, a perda successiva de tantos filhos e irmãos, derramaram no caracter e no genio d'este monarcha demasiada gravidade e sisudeza, a par de um certo ar melancolico. Por tal modo se diffundiu na corte a tristeza do soberano, que até ressumbrava nas proprias festas reaes, nas poucas festas do paço que em seu tempo se fizeram.

A D. João III succedeu seu neto, D. Sebastião, que foi acclamado rei aos tres annos de edade. Educado pelos jesuitas, não para reinar, mas para deixar cair a sua coroa entre as garras do leão de Castella, D. Sebastião só amava as aventuras pelos perigos que n'ellas antevia. Aborrecendo a companhia das damas, que evitava cuidadosamente, e não achando distracção senão nos exercicios da caça e da cavallaria, o seu paço assimilhava-se a um convento pelo socego e silencio que ahi reinava, apenas interrompido pelo tinir das espadas dos cavalleiros, e pelo roçagar das opas dos frades, que compunham a sua corte meio religiosa, meio guerreira.

A unica princeza que vivia no paço [1] era a rainha D. Catharina, sua avó, a qual, mais por desgostos que por sua edade, raras vezes saía do seu quarto, a não ser para ir orar na capella pelo rei que tão fóra andava dos seus conselhos, e pelo reino que amou com tanta lealdade e firmeza, e que via correr ao precipicio com passos tão apressados.

El-rei D. Sebastião tambem frequentava Cintra, mas levado unicamente dos prazeres da caça. Da sua estada n'aquelles paços só resta uma triste memoria. É a *sala do conselho*, onde D. Sebastião presidiu, pouco antes da sua partida para a fatal jornada de Africa, ao ultimo conselho que alli tiveram os nossos reis.

Sepultada a independencia da patria, a par da monarchia de D. Affonso Henriques, nos campos de Alcacerquibir, caíram os portuguezes entre os ferros da escravidão; e o palacio de Cintra ficou ermo e esquecido durante essa quadra de oppressão.

Passados sessenta annos sacudira Portugal o jugo estrangeiro, exaltando ao throno o illustre chefe da dynastia de Bragança; porém a lucta encarniçada e porfiosa, que foi mister sustentar por vinte e oito annos com os castelhanos em defesa da nossa liberdade, não deixava tempo aos monarchas para diversões de campo. E assim continuou solitario o paço de Cintra, indo lá raras vezes, e essas poucas como de fugida, el-rei D. João IV.

Mas eis-nos chegados á pagina negra da historia d'este palacio, e tambem á mais negra da historia do nosso paiz. Ao cabo de muitos annos de silencio sem quebra, abriram-se um dia as portas do palacio de Cintra para receber o successor del-rei D. João IV. Porém, em vez de cortejo real, acompanhavam apenas a D. Affonso VI alguns esbirros e muitos soldados. O soberano, a quem a posteridade conferiu o epitheto de *Victorioso*, pelas muitas victorias que assignalaram o seu reinado e firmaram a nossa independencia, entrava no seu proprio paço despojado da coroa, da esposa e da liberdade! Encerrado entre as paredes de uma sala do andar inferior, esta triste victima dos enredos dos jesuitas, de quem foram instrumentos parte da nobreza e a ambição de seu irmão, ahi purgou em longo martyrio os defeitos da educação; esses desvarios e arrebatamentos de genio, que seus inimigos exaggeraram, e que revestiram das côres mais sinistras para lhes darem o vulto de crimes.

No pavimento d'essa sala lá se vêem gastos os tijolos do continuo passeiar do desditoso monarcha, desde o logar onde tinha a cama até á janella onde ia olhar para a serra, procurando descobrir um amigo, que lhe apparecia de tempos a tempos meio escondido entre as fragas, ora para lhe levar com a sua presença consolação e conforto, ora para lhe derramar n'alma, com algum aceno, um raio de esperança que lhe diminuisse a negrura de seus pensamentos. Privado de todo o genero de carinhos e de consolações, D. Affonso VI morreu n'uma pobre cama n'esse quarto, como se fôra um grande criminoso, ou um dos membros mais miseraveis d'esta nação. O seu corpo saíu do carcere para a sepultura no fim de dezoito annos de prisão, passados quasi todos na referida sala, pois que pouco tempo esteve, ao principio, no castello da ilha Terceira.

Este deploravel episodio foi como um anathema que pesou por largos annos sobre o palacio de Cintra, afugentando d'elle a familia real. O unico facto que ha para memorar em todo o seculo XVIII é o terremoto do 1.º de novembro de 1755, que arruinou algumas partes d'este paço, as quaes o marquez de Pombal se apressou a mandar reparar, infelizmente sem attenção á arte, ou melhor diremos, com offensa da arte, pois que todas as obras que então se fizeram foram como enxertias de moderna e mesquinha architectura por entre as feições gothicas do venerando monumento de antigas eras.

Depois d'esta reedificação até 1835 poucas vezes foi habitado este paço. El-rei D. José preferia-lhe o de Salvaterra, por mais appropriado ao seu amor da caça. O palacio de campo predilecto da rainha D. Maria I era o de Queluz, tanto pela magnificencia dos aposentos, belleza dos jardins e do parque, como por ser tudo obra de seu esposo, el-rei D. Pedro III. Quanto a el-rei D. João VI, não o deixaram pensar em divertimentos os desgostos domesticos e as perturbações do reino, que se succederam continuamente desde a sua chegada do Brasil a Lisboa até ao dia da sua morte.

Nos poucos annos que viveu em Portugal depois de subir ao throno, limitou todas as suas distracções campestres a alguns simples passeios á real quinta de Belem, e a ir jantar de tempos a tempos ora ao paço de Caxias, ora ao do Alfeite.

Porém, como após da tormenta vem sempre a bonança, volveram de novo dias felizes para o paço de Cintra. Suas magestades a rainha sra. D. Maria II, de saudosa memoria, e el-rei o sr. D. Fernando II, apreciando devidamente as bellezas de Cintra, escolheram o paço d'esta villa para sua residencia durante o verão. Alindaram-se os pateos e terreiros; reparou-se o edificio; e guarneceram-se e ornaram-se varias salas. Desde então até hoje tem sido a habitação predilecta da familia real no estio.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] A infanta D. Maria, tia del-rei D. Sebastião, e filha del-rei D. Manuel e da rainha D. Leonor d'Austria, sua terceira mulher, morava n'essa epocha no campo de Santa Clara, junto ao convento das freiras da mesma invocação.